

Cresce atuação externa de FHC

18

por Maria Helena Tachinardi
de Brasília

Depois da França o presidente Fernando Henrique Cardoso fará pelo menos seis viagens internacionais neste ano. Irá ao Paraguai para uma visita bilateral em junho e logo em seguida participará da reunião de cúpula do Mercosul na Argentina. Em julho viajará para Portugal e Angola e em setembro seguirá para o Canadá. Fernando Henrique irá também à reunião do Grupo do Rio, na Bolívia.

O presidente está tendo um envolvimento mais direto nos assuntos da política externa. Através dessa "diplomacia presidencial" ele "amplia a credibilidade e a projeção internacional do País", diz o embaixador Sebastião do Rego Barros, secretário-geral do Itamaraty.

Brasília está vivendo uma rotina diplomática a que não estava habituada antes. Na semana passada, por exemplo, segundo Rego Barros, os guardas revezaram num mesmo dia, no mastro do Itamaraty, as bandeiras da Venezuela, da Argentina e do Canadá. Estiveram aqui, o presidente venezuelano, Rafael Caldera, e os

ministros das Relações Exteriores da Argentina e do Canadá.

"O Brasil tem sido muito procurado. O País está mais sério e forte, apesar de ter um milhão de problemas. Os estrangeiros acham que o Brasil tem estabilidade econômica e

que isso torna o mercado mais promissor. Além disso tem um presidente com prestígio moral e intelectual", afirma o embaixador. Neste ano visitarão o Brasil o primeiro-ministro da Alemanha, Helmut Kohl, e os presidentes da Alemanha e da Coreia.

Os diplomatas notam que as críticas atuais não têm a mesma dimensão das que o País recebia nos anos 80, quando a imagem

do Brasil, segundo Rego Barros, era "ruim por causa da dívida externa, das altas taxas de inflação, dos compromissos com a política econômica que não eram cumpridos e a incapacidade de assumir um "status" de país democrático". Hoje, ele diz, "não escondemos nada. Sabemos que o País é enorme, complexo e injusto".

Na Cúpula das Américas o Brasil se encarregou de coordenar um estudo sobre democracia e direitos humanos, com a colaboração do Canadá. Os dois países redigiram um pro-

grama de direitos humanos para as Américas, baseado no plano brasileiro, que "foi aceito, com exceção de algumas agremiações mais radicais. Mas o plano não foi para inglês ver. Buscamos formas de aumentar a efetividade da defesa dos direitos humanos sem esconder os problemas", justifica Rego Barros.

A diplomacia brasileira está enfrentando muitos desafios ao mesmo tempo. A abertura da economia, os problemas com práticas desleais ("dumping", subsídios e aumento súbito de importações) que afetam setores tradicionais da indústria e a necessidade de se ater às regras da Organização Mundial de Comércio (OMC): boa parte do tempo dos diplomatas é gasta em gestões na área comercial.

Sob o comando do Itamaraty o governo vai discutir com EUA, Japão, União Européia e Coreia saídas para a aplicação da Medida Provisória do regime automotivo, criticada por esses países e pela OMC. Deverá enfrentar também as queixas dos países atingidos pela imposição de cotas de importação de tecidos artificiais e sintéticos, principalmente a Coreia.

Outra área de atuação prioritária é a integração regional. "Estamos trabalhando na consolidação do Mercosul e na sua expansão através de acordos de livre comércio, como os que estão para ser assinados com o Chile e a Bolívia e, mais tarde, com a Venezuela", diz Rego Barros.



Sebastião do Rego Barros